



Relato de campo: metodologias e práticas do ensino de Geografia na aula de campo

Ariadne Fernanda Ferraz Vieira
Ananda do Nascimento Rêgo

RESUMO

O presente relato se refere à aula de campo das disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia I e Estágio Curricular Supervisionado de Geografia IV, que aconteceu em abril de 2022 nas cidades de Gravatá-PE, Petrolina-PE, São Raimundo Nonato-PI e Lagoa Grande-PE. Como uma das atividades de campo do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE, no retorno às aulas de campo, desde o início da pandemia da Covid-19, essa saída a campo teve por objetivo, proporcionar aos estudantes a vivência de metodologias e práticas da geografia física e humana, e do ensino de geografia, além, de ofertar aos licenciandos, embasamento teórico para realização de aulas de campo na futura prática docente.

Palavras-chave: Aula de campo; Geografia; Metodologias do ensino; Pernambuco; Piauí.

FIELD REPORT: METHODOLOGIES AND PRACTICES OF TEACHING GEOGRAPHY IN THE FIELD CLASS

ABSTRACT

The present report refers to the field class of the disciplines of Methodology of Teaching Geography I and Supervised Curricular Internship of Geography IV, which took place in April 2022 in the cities of Gravatá-PE, Petrolina-PE, São Raimundo Nonato-PI and Lagoa Grande-PE. As one of the field activities of the Department of Geographic Sciences at UFPE, on the return to field classes, since the beginning of the Covid-19 pandemic, this field trip aimed to provide students with the experience of methodologies and practices of geography physical and human, and the teaching of geography, in addition to offering undergraduates, theoretical basis for conducting field classes in future teaching practice.

Keywords: Field report; Geography; Teaching methodologies; Pernambuco; Piauí.

INTRODUÇÃO

Dantas e Cordeiro (2020) tratam a terminologia “Aula de Campo” como uma extensão da sala de aula, ao campo, para realizar atividades práticas *in loco*, relacionadas com teorias trabalhadas dentro das Instituições Formais de Ensino. A aula de campo objetiva dessa forma, proporcionar ao alunado o conhecimento diante da observação crítica da realidade mutável no espaço geográfico, sendo ela uma metodologia fundamental na formação do geógrafo, visto que o objeto de estudo da geografia é o próprio espaço geográfico e as relações que nele ocorrem.

Assim, o presente trabalho consiste em um relato de aula de campo, construído por meio de informações retiradas do diário de bordo e de reflexões críticas, a partir das experiências vividas na aula de campo das disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia I, ministrada pelo professor Josias Ivanildo Flores de Carvalho e Estágio Curricular Supervisionado de Geografia IV, ministrada pelo professor Daniel Rodrigues de Lira. A saída de campo aconteceu durante os dias 25, 26, 27 e 28 de abril de 2022 e teve como roteiro geral, a saída do Recife-PE para realização de atividades programadas nos municípios de Gravatá-PE, Petrolina-PE, São Raimundo Nonato-PI e Lagoa Grande-PE. Após percorrer mais de 2000km nos quatro dias de aula de campo, teve-se o retorno para Recife-PE com muitas considerações enriquecedoras a respeito dos diversos temas tratados no percurso. Vinte (20) estudantes de graduação participaram da aula de campo, junto aos dois (2) professores e à dois (2) motoristas, que somaram um total de vinte e quatro (24) participantes.

Lopes e Pontuschka (2009) ao tratarem de estudo do meio, que de forma simplificada pode ser tratado como um sinônimo da terminologia de aula de campo já que na literatura não há uma uniformidade sobre os termos corretos designados para as saídas de campo, consideram a interdisciplinaridade altamente significativa, pois tudo está acontecendo dentro da dinâmica do espaço geográfico. Os autores ainda, mencionam que a aula de campo regada de interdisciplinaridade, gera nos estudantes uma gama de possibilidades e de novas experiências que desenvolvem o olhar crítico e investigativo sobre a realidade.

Por isso, a aula de campo tinha por objetivo geral, permitir aos discentes da graduação, a experiência de união da teoria e prática, por meio das metodologias aula de campo e excursão didática, realizando um constante estado de união indissociável entre a Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia.

Para atingir o objetivo geral, foram elencados quatro objetivos específicos, que são: 1. Vivenciar as metodologias aula de campo e excursão didática no ensino superior, para posterior transposição didática docente na educação básica; 2. Mobilizar os saberes das três grandes áreas da Geografia (Ensino de Geografia, Geografia Física e Geografia Humana), como indissociáveis na formação de professores de Geografia para a Educação Básica; 3. Identificar no espaço geográfico pernambucano, diferentes paisagens, regiões e lugares para o ensino de Geografia na atualidade, na perspectiva da reflexão-ação-transformação-reflexão por meio de diferentes metodologias de ensino-aprendizagem; 4. Executar diversas ações metodológicas para o ensino de Geografia durante a vivência na Escola Devaldo Borges em Gravatá-PE, que foi escolhida por ser uma escola pública estadual, localizada no centro da cidade e que já tem um histórico de outras atividades desenvolvidas em parceria com estudantes da UFPE.

A metodologia da aula de campo e excursão didática foi dividida em três etapas: anterior ao evento, durante o evento e após o evento. De forma prévia, os estudantes realizaram leituras, debates e reflexões de textos sobre o ensino de Geografia, como também realizaram um estudo sobre os municípios visitados e o trecho intermunicipal, a fim de destacar os aspectos físicos e humano-sociais das principais localidades. Ainda, os estudantes planejaram em grupos, trios, duplas ou de forma individual (o que ficou a critério dos alunos), uma sequência didática de atividades que seriam desenvolvidas na escola visitada em Gravatá-PE.

Durante o evento da aula de campo, realizou-se visitas a espaços físicos/naturais e humanos, observações, análises geográficas críticas, compartilhamento de informações, dados e conhecimentos científicos e escolares, relacionados à vivência da aula de campo, que foram registrados nos diários de bordo individuais dos alunos que optaram por fazer, assim como, o desenvolvimento de metodologias de ensino de geografia (que haviam sido

previamente pensados e planejados) na Escola Estadual Devaldo Borges em Gravatá, objetivando construir uma práxis significativa.

Ainda que durante o evento tenham sido realizados momentos de socialização das experiências vividas – em tempo real – após a aula de campo, realizou-se uma avaliação sobre os trabalhos desenvolvidos para a formação de professores de Geografia e para a futura prática docente no espaço escolar, de cada licenciando, sendo assim, um enriquecimento na formação dos futuros geógrafos.

RELATO DIÁRIO DE CAMPO

Do litoral ao agreste

No dia 25 de Abril, segunda-feira, iniciamos nossa aula campo das disciplinas de Metodologia do Ensino da Geografia I, ministrada pelo professor Josias Ivanildo Flores de Carvalho e Estágio Curricular Supervisionado de Geografia IV, ministrada pelo professor Daniel Rodrigues de Lira. Nossa saída do Recife da parada do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi feita por volta das 08h30 da manhã. Saímos para o nosso primeiro ponto de visitação, o Alto do Cruzeiro, localizado em Gravatá, no Agreste de Pernambuco.

O trecho percorrido no primeiro dia de aula de campo, de Recife até Gravatá, tem cerca de 85 km, percorrido pela BR-232, de acordo com o Google Maps. Durante esse percurso, dentro do ônibus, foi realizada uma observação geográfica da paisagem com as mudanças das regiões Metropolitana do Recife, Zona da Mata e Agreste.

No trajeto Recife-Gravatá, o grupo responsável, apresentou pontos relevantes do trecho para que toda a turma pudesse observar e analisar, citando alguns aspectos importantes do Recife, como sua localização a 5m acima do nível do mar, no tabuleiro costeiro, em comparação com Gravatá, que está a 447m, no Planalto da Borborema.

Outro ponto importante destacado pelo grupo, foi sobre o espelho de falha de cisalhamento tectônico na zona de rift valley, em que a rodovia (BR-232) foi construída, resultando nas mudanças de relevo e vegetação. Seguindo para Gravatá, foi destacado

também, a subida pela Serra das Russas, do Planalto da Borborema, destacando mudanças na paisagem e o aparecimento de características agrestinas, dada a distância do litoral e a mudança de umidade.

Ainda na apresentação dos aspectos do primeiro trecho, o grupo destacou pontos relevantes sobre Gravatá, um município do agreste pernambucano, situado na microrregião do Vale do Rio Ipojuca, e que está na borda do Planalto da Borborema. Referente ao relevo, foi mencionado que o município está a 447 m de altitude, fator este, responsável pelo clima mais ameno, que propicia uma vantagem para o desenvolvimento do turismo na região. Em nossa chegada a Gravatá, observamos do ônibus, restaurantes, artesanato em madeira e hotéis-fazenda, além das chácaras/casas de campo, que apresentam traços arquitetônicos semelhantes aos de países europeus, que caracterizam o turismo na cidade, somado ao clima ameno de inverno, que faz com que Gravatá seja conhecida como Suíça pernambucana.

Em nosso primeiro ponto de parada, o Alto do Cruzeiro, é registrada uma altitude ainda maior que no centro da cidade, por isso, foi possível termos uma vista panorâmica da cidade, enquanto se discutia com a turma, os aspectos mencionados pelo grupo e observados durante o trajeto. Neste momento, uma discussão de grande relevância também foi levantada entre os discentes e docentes, referente a importância da aula de campo, e da turma, como futuros professores de geografia, não somente ir a aula, mas participar efetivamente, buscando conhecer o local visitado, para que no seu fazer pedagógico, possa haver a transposição do que foi aprendido, proporcionando aos alunos, conhecimentos referentes a importância da análise geográfica e de como, o ser humano está inserido como ser pertencente e transformador do espaço geográfico.

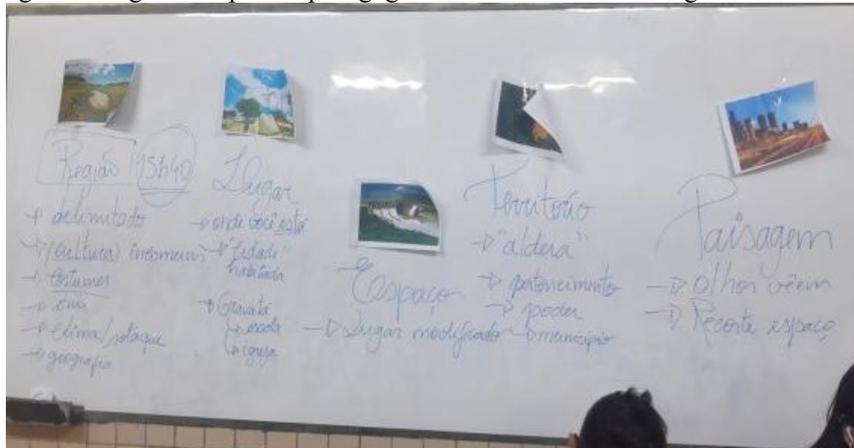
Imagem 1: Vista da cidade de Gravatá do Alto do Cruzeiro



Autoria: Ariadne Ferraz

Na parte da tarde, fomos visitar a Escola Devaldo Borges, para realização de diversas ações metodológicas para o ensino de Geografia. Para realização dessa atividade, os alunos levaram metodologias inovadoras diversas para o ensino de conteúdos da geografia física e humana. Os licenciandos estavam divididos em duplas, trios e individualmente, para que fosse possível preencher e trabalhar com todas as turmas da escola. Nas turmas, além dos discentes de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, esteve um professor da escola, para ajudar como apoio na mediação da atividade, porém, os discentes tiveram total autonomia para desenvolver as atividades que haviam organizado.

Imagem 2: Registro da prática pedagógica na Escola Devaldo Borges em Gravatá-PE



Autoria: Professor Josias Carvalho (UFPE)

Este momento na escola foi bastante enriquecedor para os estudantes da UFPE, pois foi possível pôr em prática, o fazer pedagógico, a partir do desenvolvimento das

aulas teóricas e práticas planejadas, em conexão com a realidade do espaço escolar interiorano. Além de conhecer a estrutura física da escola, e todos aqueles que fazem parte daquele ambiente escolar.

Apesar de muitos dos discentes do curso já estarem envolvidos com a prática do ensino, através dos estágios, ou trabalhos extracurriculares realizados pelos mesmos, foi ainda, para todos, uma grande experiência, visto que aquela era uma realidade diferente das que já estávamos inseridos. Para aqueles que ainda não haviam tido contato com o espaço escolar, ministrando aulas individualmente, também foi um grande desafio, mas que ao final, se cumpriu de forma satisfatória.

Rumo ao Vale do São Francisco

Na terça-feira, dia 26 de abril de 2022, por volta das 7h30 da manhã, partimos de Gravata, no Agreste de Pernambuco, rumo à cidade de Petrolina. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o estado de Pernambuco tem desde 2017, um novo quadro regional, no qual está dividido em cinco (5) mesorregiões: Metropolitana do Recife, Zona da Mata Pernambucana, Agreste Pernambucano, Sertão Pernambucano e São Francisco Pernambucano, sendo Petrolina, localizada na mesorregião do São Francisco Pernambucano. O município também pode estar sendo referido como parte do Vale do São Francisco, pólo de desenvolvimento tecnológico da fruticultura irrigada interestadual e também, da Região Administrativa Integrada de Desenvolvimento do Polo Petrolina e Juazeiro (RIDE).

O trecho percorrido ao longo do dia 26, tem cerca de 660 km, segundo o Google Maps, e em sua maioria, percorre a BR-232, a espinha dorsal do estado, que se estende da capital até Parnamirim, no Sertão, quando se encontra com a BR-316. Algumas cidades importantes de mencionar, em ordem cronológica do trecho, são: Caruaru, Belo Jardim, Pesqueira, Custódia, Serra Talhada, Salgueiro, Cabrobó, Santa Maria da Boa Vista e Lagoa Grande.

No início do trajeto, o grupo que previamente ficou responsável por fazer a pesquisa sobre o percurso, explanou sobre aspectos culturais e físicos que seriam

observados ao longo da viagem, como as variações nas características da paisagem, ao longo da transição entre o Agreste e o Sertão. Também foi pontuado algumas características físicas da cidade de Petrolina, uma vez que seria o destino final. Como exposto pelos estudantes, a vegetação de Petrolina é marcada pelo bioma Caatinga, com a presença de espécies arbustivas e árvores de médio e baixo porte, caracterizado, assim, por ser uma região seca, que recebe pouca precipitação ao longo do ano, em função de seu clima semiárido.

No período da manhã, aproximadamente das 8h às 12h, os professores e alunos realizaram um momento de socialização das vivências do dia anterior na Escola Devaldo Borges. Cada aluno, explanou sua experiência particular da imersão escolar, citando o planejamento da atividade, os porquês das escolhas metodológicas e também a forma como a parte prática aconteceu. O comportamento dos alunos da escola durante a prática e a sensação dos licenciandos na prática docente foram os temas mais recorrentes e ainda, particulares, da socialização.

Após a fala de cada aluno, os professores e outros alunos comentaram sobre o que ouviram. Em síntese, todos os estudantes gostaram da vivência na escola, do acolhimento oferecido pelos gestores, se sentiram desafiados em guiar turmas nas quais não havia nenhum contato prévio, alguns lidando melhor que outros com o barulho e demais adversidades. Em muitos momentos, as falas remeteram à assuntos trabalhados nas disciplinas na leitura de bibliografias, fixando o conhecimento teórico que estava sendo experienciado *in loco*, na aula de campo.

No período da tarde, através das janelas do ônibus, os estudantes visualizaram a paisagem com mais atenção, observaram os tópicos destacados pelo grupo que explanou sobre o trajeto, e de forma pontual, os professores realizaram comentários sobre outros aspectos geográficos pertinentes. Esse momento proporcionou um enriquecimento naquilo que Paul Claval (2004) chama de “trabalhar o olhar do geógrafo”, uma vez que posteriormente, essa vivência, contribuirá com a prática docente dos licenciandos ao realizarem atividades de campo.

Por volta das 7h da noite, chegamos em Petrolina, cidade final do nosso trajeto para o dia 26. A primeira parada na cidade foi na Universidade de Pernambuco – UPE *Campus* Petrolina para visitar o colegiado do curso de Geografia e conhecer melhor a dinâmica da universidade. A priori, entendeu-se a história da Universidade de Pernambuco, que antes de ser assim conhecida, originalmente foi a Fundação de Ensino Superior de Pernambuco (FESP), fundada em 1965, que reunia as faculdades de Ciências Médicas de Pernambuco (FCM/UPE), de Odontologia de Pernambuco (FOP/UPE), de Enfermagem (FENSG/UPE), de Ciências da Administração de Pernambuco (FCAP/UPE) e Escola Politécnica de Pernambuco (POLI/UPE). Até que na década de 70, a FESP juntou-se à Escola Superior de Educação Física (ESEF/UPE) e as Faculdades de Formação de Professores, de Garanhuns (FFPG), de Nazaré da Mata (FFPNM) e de Petrolina (FFPP). Em 1990, que enfim, a FESP se tornara Universidade de Pernambuco com vários *campi* descentralizados e espalhados por várias cidades do estado, assumindo o papel social em seu caráter de ensino superior público.

Na UPE – *Campus* Petrolina, conhecemos alguns dos professores que compõem o colegiado do curso de Geografia na mesma, como os professores Sidclay Pereira, Guilherme Araújo, Luiz Henrique Lyra e Cláudio Soares. Nesta oportunidade, conhecemos a dinâmica do curso, a oferta de bolsas, grupos de pesquisa e também sobre a oferta de aulas de campo. Foi explanado, que existe uma dificuldade grande no que tange ao financiamento das aulas de campo, reduzindo as opções dos professores do corpo docente e também na oferta de bolsas, visto que as alternativas de consegui-las são totalmente diferentes da UFPE, que dispõe de PET, Empresas Juniores, PIBID, PIBIC, Extensão, Monitoria, entre outros.

Imagem 3: Letreiro da UPE - *Campus* Petrolina



Autoria: Ananda do Nascimento

Os estudantes da UPE em Petrolina, tem perfis diferentes dos estudantes universitários na Região Metropolitana do Recife, pois, segundo relatos dos docentes, aquele curso superior é muitas vezes a única oportunidade que se tem de ascensão financeira. São alunos não só de Petrolina, mas também das cidades circunvizinhas dentro do Vale do São Francisco, vindos inclusive da Bahia para estudar na universidade.

Após a conversa com os professores no colegiado do curso, visitamos também o Grupo de Trabalho em Monitoramento Ambiental, Geotecnologia e Ensino (GTMAGEO), coordenado pelo professor Luiz Henrique, no qual conhecemos o espaço físico do grupo, os equipamentos que eles têm disponíveis, além de alguns estudantes do curso. Por meio desta oportunidade, houve uma troca de vivências entre as geografias feitas no litoral e no sertão.

Ao fim da visita a Universidade, seguimos para o alojamento da Gerência Regional de Educação – GRE Sertão do Médio São Francisco, no qual ficamos hospedados durante duas noites.

O maior sítio arqueológico do país

Na quarta-feira, dia 27 de abril, terceiro dia de aula de campo, iniciamos nosso trajeto antes do nascer da aurora. O trecho, partindo de Petrolina-PE, tinha como destino, São Raimundo Nonato, no Piauí, cidade que abriga parte do Parque Nacional da Serra da Capivara.

O percurso mais uma vez, foi apresentado, no início do dia, pelo grupo responsável, que explanou aos demais estudantes, variadas informações. Estando a oeste de Petrolina, e a sudeste do estado do Piauí, São Raimundo Nonato é um município que compõe a Macrorregião dos Semiáridos Piauienses, tendo clima sub-úmido seco de acordo com a classificação de Köppen e estando a aproximadamente 330 m acima do nível do mar. Assim como Petrolina, São Raimundo Nonato está em uma unidade geoambiental, chamada de Depressão Sertaneja.

Seguindo pela BR-235, saímos de Petrolina e passamos por algumas cidades da Bahia, como Santana do Sobrado-BA, Casa Nova-BA, Remanso-BA, até chegar no Piauí, passando na BR-324 pelas cidades de Dirceu Arcoverde-PI, São Lourenço do Piauí-PI, Lagoinha-PI, quando que após mais de 300 km, desde o ponto de partida, chegamos a São Raimundo Nonato-PI.

Conhecida também por ser a Capital da Arqueologia Piauiense e o Berço do Homem Americano, São Raimundo Nonato abriga junto com os municípios de Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí, o Parque Nacional da Serra da Capivara, onde se encontra o maior acervo de pinturas rupestres de toda a América. Ainda, a cidade tem nas imediações do parque, um relevo cristalino e sedimentar. Os solos são bastante rasos, com a presença de sedimentos e seixos, frutos do processo de uma lenta erosão por intemperismo físico, possuindo granulometrias variadas.

Quando chegamos no município de São Raimundo, contamos com a presença dos guias Denilson Castro e Kátia Maia, que explanaram sobre a história e curiosidades do parque, além de nos guiar durante toda a visita ao local. No parque, o trabalho dos guias foi primordial, visto que visualizamos poucos trabalhadores do próprio local.

O Parque Nacional da Serra da Capivara foi criado em 1979 para preservação de vestígios arqueológicos da presença mais remota do homem na América do Sul. Abarcando uma série de sítios arqueológicos importantes da pré-história brasileira, o Parque deve o início de sua escavação à Niède Guidon, arqueóloga franco-brasileira, que lutou para possibilitar a proteção da área. Ela e seus colegas descobriram mais de 800

sítios pré-históricos, além de evidências que indicam que ali estiveram povos em um período muito mais remoto do que indicavam outros estudos.

O parque atualmente é tombado pelo Iphan, constando no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, e foi declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco, em 1991. É subordinado ao Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e em seu entorno, foi criada uma Área de Preservação Ambiental (APP) a fim de proteger os sítios. Ainda, a Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM, foi criada para garantir a preservação do patrimônio natural e cultural, e realiza atividades científicas interdisciplinares, culturais e sociais, dada a importância do parque. Durante a visita, não encontramos representantes de nenhum órgão responsável pelo parque.

Muitos dos fósseis pré-históricos encontrados na região estão expostos no Museu do Homem Americano e no Museu da Natureza, que estão na cidade de São Raimundo e dentro do parque, respectivamente. Toda essa riqueza arqueológica, eleva o parque como o que tem a maior concentração de pinturas rupestres do mundo.

Entre vales e paredões rochosos, assim que adentramos o parque, passamos pelo povoado Sítio do Mocó, que pertence ao município Coronel José Dias, recém desmembrado de São Raimundo. O pequeno povoado é o ponto de apoio mais perto do parque e como relatado pelos guias, atualmente, já sobrevive do turismo na região.

Após passar pela guarita, seguimos para o Boqueirão da Pedra Furada, de onde se pode ver a Pedra Furada e também, onde são realizados espetáculos de música e projeções da história dos povos que ali viveram no passado, no evento Ópera da Serra da Capivara, sendo para isso a presença do anfiteatro no local. Em seguida, continuamos a caminhada para ter a vista panorâmica do boqueirão da Pedra Furada, do alto do paredão arenítico.

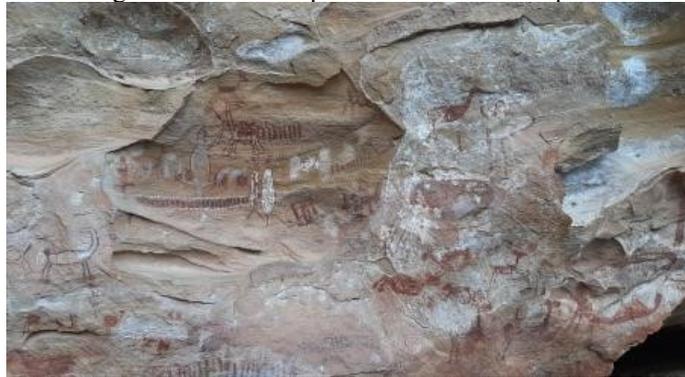
Imagens 4 e 5: Pedra Furada e vista panorâmica do Boqueirão da Pedra Furada, respectivamente.



Autoria: Ariadne Ferraz

Findada a trilha de subida do paredão, visitamos no Baixão da Pedra Furada, o principal sítio arqueológico do parque, a Toca do Boqueirão. No local foram encontrados, registros de uma fogueira de 50 mil anos, e tem passarelas que levam os visitantes até as pinturas rupestres gravadas num paredão de mais de 100m de altura, sendo as mais famosas, a pintura da cena do beijo e das duas capivaras mãe e filho, que é o símbolo do parque. Cenas de guerra, sexo e de caça também marcam os paredões rochosos. No Boqueirão, existem mais de 1000 pinturas rupestres datadas de até 11.500 anos, além da recente escavação a céu aberto, onde foram encontrados diversos artefatos que marcam a ocupação humana remota no lugar.

Imagem 6: Pinturas rupestres na Toca do Boqueirão



Autoria: Ariadne Ferraz

Posteriormente a visita ao Boqueirão da Pedra Furada, visitamos a loja dos produtos fabricados na Fábrica de Cerâmicas Tradicionais, que são importantíssimos na economia local, fechando nossa visita ao Parque Nacional.

Uma vez que o horário já estava prolongado, não conseguimos visitar o Museu da Natureza. Por volta das 15h30 da tarde, retornamos à estrada com destino a Petrolina.

Mais 300 km aproximadamente, passando pelas BR-324 e 325, nos estados do Piauí e Bahia, até retornar a Pernambuco, para mais uma vez, nos acomodarmos no alojamento da GRE-Petrolina.

Toda experiência de conhecer o Parque Nacional da Serra da Capivara, despertou nos estudantes várias possibilidades metodológicas de futuros trabalhos docentes, além de contribuir para o próprio conhecimento dos mesmos, a respeito da riqueza natural do território brasileiro. Como afirma Monteiro de Oliveira e Souza de Assis (2009), o professor que fará uma aula de campo, precisa previamente ter conhecido o local para poder realizar a transposição didática.

O Vale do São Francisco e a fruticultura irrigada

No dia 28 de abril, nosso último dia de aula no campo, saímos por volta das 05h30 da manhã do alojamento da GRE - Petrolina, para nossa última visita antes de voltarmos para Recife. Neste dia, seguimos até Lagoa Grande, para conhecer a Vinícola Rio Sol, a cerca de 70 km de Petrolina. Além de conhecer sobre a história da agricultura irrigada na região do Vale do São Francisco, foi possível conhecer, também, o processo de produção dos vinhos da Rio Sol. O Vale do São Francisco tem como destaque, a predominância da fruticultura irrigada, que contribui para o desenvolvimento da produção, fazendo com que este polo de desenvolvimento seja considerado um dos maiores produtores de frutas do Brasil.

Pelo desenvolvimento da região, somado a fatores climáticos (sol em quase todos os dias do ano) e a possibilidade de controle do ciclo da planta pelo tipo de irrigação, a empresa Global Wines de Portugal, decidiu investir na Vitivinícola Santa Maria - Rio Sol. O nome da vinícola faz referência aos elementos essenciais para produção da uva, o rio e o sol.

A empresa possui, segundo informações coletadas durante a visita, 140 hectares de terra plantados, utilizados para a produção de vinhos, espumantes e sucos. O processo de cultivo da fruta, tem a irrigação realizada através do gotejamento, utilizando as águas do Rio São Francisco, por meio de captação em tubulação.

Imagens 7 e 8: Videiras da Rio Sol e técnica de gotejamento, respectivamente.



Autoria: Ananda do Nascimento e Ariadne Ferraz

Foi possível conhecer além dos parreirais, a área industrial, onde se pôde visualizar todas as etapas da elaboração dos vinhos e espumantes, desde a máquina que faz a separação das uvas, após a colheita, até o engarrafamento e rotulagem dos produtos. Na indústria, durante a observação das etapas de produção, foi possível notar a presença de poucos trabalhadores, visto que, grande parte de todo o processo é feito por máquinas. Após conhecermos a indústria e a adega, onde assistimos um vídeo institucional de apresentação da Rio Sol, tivemos um breve momento de degustação, finalizando a visita à vinícola.

Imagens 9 e 10: Espaço industrial da Rio Sol e etapa de rotulagem



Autoria: Ananda do Nascimento

Na volta para Recife, tivemos dentro do ônibus, o último momento de partilha referente às experiências que tivemos da aula de campo como um todo, principalmente no que tange a sua importância, dado o período em que os campos estiveram suspensos, devido à pandemia da COVID-19. Alguns alunos mencionaram que esta teria sido a primeira oportunidade de vivenciar uma aula de campo, e que foi uma experiência

enriquecedora, por poder associar e visualizar aquilo que foi aprendido na sala de aula durante o semestre letivo, e até mesmo, em semestres anteriores.

Foi mencionado ainda, sobre o conhecimento obtido, que em breve será repassado para os nossos alunos, somado à possibilidade, de podermos levá-los também para aulas de campo, a fim de proporcionar tal vivência, e potencializar ainda mais o seu conhecimento dentro do processo de ensino e aprendizagem. Também, foi comemorado por todos os participantes do trabalho de campo, a segurança mantida quanto aos protocolos de prevenção à Covid-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta aula de campo foi de grande importância para toda turma, visto que estávamos há dois anos sem essa prática, em função da pandemia da Covid-19, entendendo a necessidade do geógrafo de realizar o trabalho de campo, que já permeia a geografia antes mesmo dela ser sistematizada e institucionalizada. Felizmente, a pandemia não atrapalhou no planejamento e no desenvolvimento das atividades, visto que a flexibilização de permanência nos lugares já era uma realidade, bem como, o cumprimento dos protocolos estabelecidos para segurança sanitária de todos os participantes ao longo do trajeto.

. Através da saída de campo, foi possível pensar metodologias e práticas inovadoras para o ensino da geografia, inicialmente pela experimentação da prática docente, em uma realidade socioespacial diferente do habitual da maioria dos estudantes e em seguida, pelo reconhecimento de novos espaços geográficos, que somarão em novas metodologias e práticas de ensino.

Os lugares que conhecemos, despertou o pensar para a nossa futura transposição didática, de forma que como docentes, poderemos desenvolver conteúdos diversos da geografia, objetivando levar nossos alunos para também conhecer esses e outros lugares.

Voltar a estar em campo despertou não só no nosso olhar como geógrafo, o reconhecimento crítico do espaço mutável, mas também que como futuros professores de

geografia, é essencial reconhecer que para além de habitantes do espaço geográfico somos também, agentes transformadores deste.

Dessa forma, a aula de campo atingiu o objetivo principal de manter a união indissociável entre a Geografia Física, Geografia Humana e Ensino de Geografia, bem como, os demais objetivos específicos propostos. Por isso, dada a relevância das atividades de campo na formação geógrafa e os prejuízos advindos do período sem a realização das mesmas, é extremamente necessário lutar pela garantia da realização dessa atividade.

REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. A Paisagem dos Geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 13-74.**

DANTAS, T. S. CORDEIRO, J. M. P. Excursões e aula de campo em geografia: um olhar diferente sobre o semiárido. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, Recife - PE, n. 1, p. 18-30. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/244684>> Acesso em: 03/04/2022.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Cidades e Estados. **Pernambuco.** Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/panorama>> Acesso em: 07/06/2022.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>> Acesso em: 05/04/2022

MONTEIRO DE OLIVEIRA, C. D.; SOUSA DE ASSIS, R. J. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, 2009. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/ep/a/KTRG6Yp4cH5QpMqJF5bdrpB/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 31/05/2022

Ariadne Fernanda Ferraz Vieira

Universidade Federal de Pernambuco. Estudante de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Geografia (UFPE).

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0003-4293-2167>

Email: ariadnevieiraf@gmail.com

Ananda do Nascimento Rêgo

Universidade Federal de Pernambuco. Estudante de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Bolsista do Programa de Educação Tutorial Conexões Gestão Política-Pedagógica (UFPE).

ORCID Id: <http://orcid.org/0000-0003-1565-8123>

Email: ananda.nascimento4540@gmail.com

Artigo recebido em 11/06/2022 e aceito em 11/07/2022